



De 19/10/2016 a 21/10/2016

O PAPEL DOS PAÍSES EMERGENTES NA CRISE MUNDIAL.

MOURA, Robson Bieger de ^{1*}, **SANTOS**, Everton Gabriel de Oliveira², **BERTOLDO**,
Jeorgia Gabriela³, **CHAVES**, Renata Motta⁴

^{1,2,3,4} UNIJUÍ, Curso de Ciências Econômicas, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Campus Ijuí, Rua do Comércio, 3000 - Universitário, Ijuí, RS, Brasil.

* Autor Correspondente: robson.biegermoura@hotmail.com

RESUMO

A crise econômica-financeira mundial que começou em meados de 2007, é a mais relevante desde 1929. Esta crise põe em cheque várias políticas macro econômicas e ressalta a dependência das relações econômicas entre as economias mundiais, porém, diferente de 1929 ela também se expande para economias emergentes, afetando diretamente estes mercados que até antes da crise eram considerados o motor da economia mundial. A discussão passa muito pelo momento vivido pela China e pela expansão de crédito que a abertura de seu mercado trouxe para o mundo. O trabalho também demonstra o momento que o Brasil passa e como se deu todo este processo externo na nossa economia. A atual crise mundial (2007/08) é fortemente comparada com a Grande Depressão dos anos de 1930 em função de sua magnitude. Porém, o mundo hoje não é o mesmo daquela época. Naquele tempo a filosofia do liberalismo imperava e o próprio mercado tinha a função de se autorregular. Hoje, o contexto é diferente. O próprio governo inglês, berço do liberalismo, não hesitou em socorrer bancos que estavam correndo riscos de quebrar. Este trabalho é o início de uma ampla análise que busca verificar o peso da crise de 2007/08 junto aos países emergentes. Estes países que vinham com grande crescimento após a abertura do capital Chinês e sentem o efeito da primeira grande crise neste contexto de grande expansão de capital. Esta pesquisa consiste em pesquisa bibliográfica, com ênfase na publicação Conjuntura Econômica (FGV-Rio de Janeiro). Seu objetivo é mostrar os impactos da crise mundial nos países emergentes e principalmente no Brasil usando métodos qualitativos e quantitativos. Os anos 2000 trouxeram expansão de crédito no mercado após a globalização dos mercados emergentes (Revista Conjuntura Econômica, setembro 2007, pg.10). As taxas de juros em todo o mundo ficaram mais baixas e o crédito maior. Tendo um belo horizonte à frente, os bancos estadunidenses começaram a financiar imóveis para quem não necessariamente era um bom pagador, com taxas de longo prazo, posteriormente vendendo estes títulos de dívida mesmo sem um lastro confiável, criando assim a chamada “bolha imobiliária americana”, conhecida como crise do subprime. Até então a modernização do mercado chinês havia proporcionado um crescimento nunca antes visto. Foram tempos de bonança onde a economia chinesa esteve acima ou próximo dos 10% de crescimento anual (segundo Banco Mundial). O problema, pelo menos para o Brasil e outros países ainda em desenvolvimento, é que o modelo de crescimento que a China sustentava até aquele momento também foi abalado pela crise internacional. Isso leva o país a uma transformação, saindo de um modelo voltado para

investimentos, principalmente de infraestrutura e bens para exportação, onde a compra de commodities internacionais, procedente especialmente de países emergentes como o Brasil, era importante, para um modelo que enfatiza o consumo interno (Revista Conjuntura Econômica, outubro 2014, pg.24). Conforme os gráficos acima a relação que o mercado chinês tem com o brasileiro é expressiva. Nesse sentido, preocupa a atual perspectiva chinesa de um crescimento econômico menor em relação há anos passados. A atual redução no ritmo econômico chinês, somada a uma estratégia de substituir a ênfase às exportações, por maior ênfase ao mercado interno, pode afetar o crescimento e as exportações brasileiras. Esse é mais um fator que vem se acrescentar às dificuldades brasileiras, em um momento em que as necessárias reformas no Estado, que gasta muito e reverte pouco para a população, emperram. Corroborando essa realidade, vale citar que já em maio de 2014 o FMI (Fundo Monetário Internacional) apontava que, entre os períodos de 2003-2010 e 2011-2014, o Brasil registrou uma retração de 2,11% no crescimento enquanto a média mundial foi de 0,54% ao ano (Revista Conjuntura Econômica, outubro 2014, pg.10). Nos EUA, o PIB do país voltou a crescer após o segundo semestre de 2009. Porém, o desemprego ainda é maior que antes do começo da crise, em maio de 2007 a taxa de desemprego era de 4,4%, já em 2009 o ápice do desemprego chegou a 10% em outubro, e em julho de 2015, a taxa ainda se apresenta maior que em 2007, 5,7%. Na Europa alguns governos já vinham tendo dificuldades mesmo sem esta crise. Países como Portugal, Irlanda, Itália, Grécia, e Espanha tem uma máquina pública muito cara e este custo só aumenta enquanto a arrecadação é estável, ou diminui. Além disso, existe uma grande dívida destes países com a União Europeia. Outro dado alarmante nestes países é o do desemprego, onde em 2013 Grécia e Espanha tinham taxas maiores que 25%. Seguidos de Portugal com 17,5%. Os países emergentes que até a pré-crise eram o motor da economia global também sentem seus efeitos, a maioria dos países emergentes ficou muito dependente de capital estrangeiro e quando a crise explodiu no mundo os países desenvolvidos voltaram seus esforços e capitais para si. Algo muito similar ao ocorrido nos países asiáticos em 97/98. Outro ponto preocupante para os países emergentes é a queda de preço das commodities, O preço do petróleo caiu, de cerca de US\$ 110 (R\$ 385) o barril, em meados de 2014, para cerca de US\$ 50 (R\$ 175) em 2015. Também despencou o preço de matérias-primas como metais para uso industrial. O cobre, por exemplo, está cotado a seu nível mais baixo em seis anos no mercado internacional. Os resultados da pesquisa, até o momento, demonstram como a economia mundial está interligada, de maneira que a crise financeira de um país afeta diretamente a economia de outro, provocando o conhecido “efeito dominó”. O Brasil foi pouco afetado pela crise em seu começo, pois acompanhava o crescimento de seus parceiros emergentes (China, Argentina, Índia), além de o Estado ter implementado medidas de apoio ao consumo interno, as quais puxaram a economia, substituindo em boa parte, a participação da combatida economia externa. Entretanto, com o passar dos anos a crise mundial se fez mais presente em nosso país, na medida em que ela atinge os parceiros comerciais nacionais, ao mesmo tempo em que o Estado esgota sua capacidade de financiar o consumo interno, obrigando o governo a tomar medidas restritivas na economia, as quais passam por um profundo ajuste fiscal, associado a reformas estruturais no funcionamento do Estado.

Palavras-chave: Bolhas imobiliárias. Nova ordem mundial. Globalização de mercados.

REFERÊNCIAS

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em -
<http://www.ibge.gov.br/home/>

MDIC – Ministério do desenvolvimento e comércio exterior. Disponível em
<http://www.mdic.gov.br/sitio/>

Revista Conjuntura Econômica – Edições de fevereiro de 2008 a fevereiro 2015.